

A GEOGRAFIA: ELO DO CIDADÃO PARA UMA VISÃO MAIS AMPLA E REAL – UMA LEITURA HISTÓRICA (E PASSIONAL) DA FORMAÇÃO E DA IMPORTÂNCIA DA GEOGRAFIA

Nathan Belcavello de Oliveira*

O capitalismo, regente absoluto em nossa aldeia global, divide o ser humano do ambiente “natural”¹ e aqueles deles mesmos. Produz, assim, um ambiente *alienígena* e uma sociedade que serve somente para a produção do capital. O espaço geográfico, com seus componentes (a materialidade, os tempos e a sociedade)², converte-se em escravo do capital, que se dinamiza às suas custas.

O cidadão, desde seu nascimento, encontra-se com os olhos tampados por uma espessa camada de interesses. Para ele, como para a sociedade a que conforma, o *individualismo* humano; o abismo existente entre o ser humano e o ambiente; e a regência do capital; assumem uma dimensão de normalidade, como elementos assim existentes desde sempre. Na escola, porém, as Ciências Humanas se tornam uma chance, quase que única, como colírio para os ditos olhos tampados, pois são matérias responsáveis pelo diálogo e construção do conhecimento a partir da realidade política, econômica, cultural, entre outras. Compõe, assim, um cidadão crítico, dotado de uma *consciência social*.

* Geógrafo e Professor de Geografia. Mestrando em Geografia na Universidade de Brasília. Analista de Infraestrutura, especialidade em Desenvolvimento Urbano, no Ministério das Cidades. Pesquisador de grupos no Brasil e na Argentina. Diretor da Geodiálogos: Revista Eletrônica de Diálogo e Divulgação em Geografia.
Correio eletrônico: contato@geografia.blog.br

¹ Adotando as observações de Silva (1994, p. 42), que relativiza o uso do termo “natural” para fazer referência à materialidade não artificial, uma vez que “o natural não é um dado real. É um ponto de vista derivado da observação. Por isso, a natureza só se apresenta ao indivíduo e ao grupo por meio de um treinamento”.

² Sobre o conceito de espaço geográfico adotado, vide Oliveira (2013) e Oliveira e Araújo Sobrinho (2012).

Inserisse neste contexto a Geografia que, assim como as demais Ciências Humanas – mas com um enfoque todo especial, o espaço geográfico – busca a construção do conhecimento do ser humano a partir de si mesmo e da (re)ligação do *humano* com o restante do *ambiente*. Neste aspecto, o de (re)ligação, a Geografia se engrandece a nosso ver, pois procura, desde sua formação, ser este elo de lucidez.

Os objetos geográficos, desde muito, impregnam o viver humano, antes mesmo do surgimento das primeiras civilizações, quando o mundo ainda possuía o ambiente não artificial como absoluto. O ser humano, inserido no ambiente, era parte harmoniosa do ciclo, mas começava a tentar compreender o que estava a sua volta. Surgiam, então, os *pensamentos geográficos* e, juntamente, as primeiras organizações humanas. A humanidade, antes harmoniosa com o ambiente, começa a se transformar e a mudar seu *habitat* para adaptar-se e adaptá-lo segundo seus interesses. Para tal, utiliza como instrumento algo nunca antes visto: o pensamento. Suas ideias mudam, (re)constroem, destroem... Fazem o que antes somente o conjunto do ambiente tinha condições de fazer. Os seres humanos passam a ambicionar ser o cerne do mundo. E o *espaço* com seu componente, que se torna mais importante a cada dia – a sociedade – muda para tal finalidade.

Adiantando-se um pouco na trilha temporal histórica, surge a Geografia, conjunto de conhecimentos antes diluídos na sociedade, mas que passara a ser uma só coisa, uma única *ciência*. Como saber organizado, a Geografia enfrenta diversos dilemas. Não sabe qual caminho seguir. Linhas de conhecimento aparentemente divergentes quase a partem ao meio. Contudo, nenhum arcabouço conceitual divergente em seu interior nega seu papel fundamental já mencionado: a (re)ligação da humanidade com o ambiente ou com o restante do espaço geográfico.

A humanidade crê em sua supremacia em relação ao restante do espaço. Adquire, daí, uma maneira de administrar o espaço “conquistado” – o capitalismo, “evolução suprema” de várias fases de controle humano sobre a Terra. Sua lógica – aparentemente perfeita, acabada e insuperável – aproxima

dele a sociedade que o gera. O que soa absurdo fora de sua lógica, como a fome, a pobreza e desigualdade, por exemplo, transformam-se em coisas simples, “naturais”, fundamentais para a sustentação do sistema. A camada de interesses começa rapidamente a obscurecer a visão da sociedade.

A Geografia, a princípio, deixasse seduzir pelo canto de sereia proferido pelo capitalismo. Porém, na mesma toada que aliena o cidadão, abre-lhe a possibilidade de uma visão completa do espaço. Os que possuem uma verdadeira construção do conhecimento geográfico conseguem se orientar, determinar o espaço em sua totalidade e não fracionado, relacionando os acontecimentos sociais e físicos no (do) planeta, além de uma visão estratégica do espaço. Todavia, a ciência geográfica surgida no bojo do capitalismo, não procura fazer análises críticas sobre os acontecimentos. Somente presenciá-los, registrá-los e mostra-los como dados aos cidadãos. Esses recebem a informação e as “engolem”.

Levantam-se, então, os que não aceitam tal esquema definido. Pipocam pelo mundo ideias e revoluções contrárias ao capitalismo. A Geografia se vê sem rumo certo, quase se fragmentando. Isso proporciona mudanças... A ciência geográfica começa a fazer alianças com outros saberes organizados, liberta-se do jugo capitalista e amplia sua área de atuação. Passa a analisar e criticar a humanidade mais de perto. Finalmente apresenta a sociedade como parte do ambiente, componente do espaço e dele sofrendo influência. Com certeza sendo a humanidade componente fundamental do espaço, não mais no papel alheio e de simples participantes de antes. O cidadão recebe da Geografia o que faltava receber.

O sistema busca colocar o cidadão inerte às questões postas diariamente pela mídia. Põe a pobreza, a fome, o analfabetismo, a degradação ambiental, entre outros, como coisas comuns e, até mesmo, proporcionadas pelos que sofrem seus horrores. A Geografia então vem a revelar a realidade. Propõe para o cidadão uma visão diferente, mais crítica, que busca mostrar os antecedentes das consequências em que o cidadão está inserido. Permite-o vislumbrar a totalidade do espaço, inclusive sua posição no sistema. (Re)Liga-o

ao ambiente e à sociedade, tornando-o no todo em si. A sociedade se contextualiza com o restante do espaço.

Assim, a Geografia faz a visão do cidadão mais ampla e real. Munido desses *instrumentos*, o cidadão não se atrela a concepções pré-formadas, não assimilando-as imediatamente. Ele utiliza seus instrumentos e, quando são apresentadas as informações, começa a selecionar o que é de seu interesse, o que se verifica no real.

Esta é uma visão, quiçá, estreita da importância da Geografia na formação do cidadão. Não esgotamos por completo a questão, muito ampla, nem havíamos a pretensão de fazê-lo. Esperamos que o arrazoado aqui exposto sirva para que o leitor reflita sobre as ideias apresentadas e possa fazer a crítica ao texto.

Referências Bibliográficas

OLIVEIRA, Nathan Belcavello de. O espaço geográfico no prisma de Abbe: uma proposta de sistematização conceitual. In: ARAÚJO, Gilvan Charles Cerqueira de; OLIVEIRA, Nathan Belcavello de; KUNZ, Sidelmar Alves da Silva. *Elementos de Teoria do Espaço Geográfico*. Brasília: ACLUG, 2013. p. 51- 91.

OLIVEIRA, Nathan Belcavello de; e ARAÚJO SOBRINHO, Fernando Luiz. Aportes para a análise espacial do atual pacto federativo brasileiro: estabelecendo relações entre espaço urbano, cidade e exercício do poder. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 17., 2012, Belo Horizonte. *Anais do...* Belo Horizonte: AGB / UFMG, 2012. Disponível em: <<http://www.belcavello.com.br/publica/artigos/anais/2012xviieng>>. Acesso em: 25 maio 2016.

SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*. São Paulo: USP, 2002a.

_____. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: USP, 2002b.

_____. *Metamorfoses do Espaço Habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia*. 6. ed. São Paulo: USP, 2008.

_____. *O Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo*. 5. ed. São Paulo: USP, 2009.

SILVA, Armando Corrêa da. A geografia humana e a abordagem naturalista. In: SOUZA, Maria Adélia de; SANTOS, Milton; SCARLATO, Francisco Capuano; ARROYO, Monica (org.). *O novo mapa do mundo: natureza e sociedade de hoje: uma leitura geográfica*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1994. p. 42-45.